

## **Práxis da Psicologia Histórico-Cultural com crianças da entrevista inicial à possibilidade de diagnóstico**

Maria Augusta Zago Mexia<sup>1</sup>  
Beatriz Peixoto Pontes<sup>2</sup>  
Patrícia Barbosa da Silva<sup>3</sup>

Resumo: Este trabalho foi realizado baseado nas experiências vivenciadas por meio das atividades teóricas e práticas do Estágio Supervisionado Específico I, do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR (Umuarama, Paraná), com o objetivo de compreender o percurso de organização e desenvolvimento desde a entrevista inicial até o possível diagnóstico em intervenções grupais com crianças. Assim, subsidiadas pela abordagem da Psicologia Histórico-Cultural, e tendo como método o Materialismo Histórico-Dialético, as estagiárias relatam, por meio do presente artigo, a práxis desenvolvida e como a abordagem colaborou para as intervenções através das entrevistas individuais com os responsáveis e as crianças, bem como as mediações grupais, sendo o grupo composto por participantes entre 9 e 12 anos de idade. Ademais, o artigo aborda conceitos fundamentais da teoria Histórico-Cultural, trazidos pelos seus precursores Vigotski (1896-1934), Leontiev (1903- 1977) e Luria (1902-1977), que amparam a compreensão da teoria em seu desenvolvimento prático como estratégia fundamental da Psicologia como ciência e profissão.

Palavras-chave: Psicologia Histórico-Cultural; mediação; práxis; intervenções grupais.

## **Praxis of the Historical Cultural Psychology with children from the initial interview to a possible diagnosis/to the possible diagnosis**

---

<sup>1</sup> Autora. Acadêmica do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama-PR.

<sup>2</sup> Autora. Acadêmica do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama-PR.

<sup>3</sup> Orientadora. Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense, UNIPAR, unidade de Umuarama-PR. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Abstract: The present research was carried out on the basis of the experiences offered by the practical and theoretical activities of the Specific Supervised Internship I of the Psychology course at Paranaense University – UNIPAR in Umuarama, State of Paraná, aiming to comprehend the course of organization and development of group interventions with children from the initial interview to the possibility of a diagnosis. Thus, supported by the approach of the Historical-Cultural Psychology and using as a method the Historical-Dialectical Materialism, the interns report by means of this article, the praxis developed and how it contributed to the interventions on individual interviews with those responsible for the children and the children themselves. It also informed us about group mediations, being a group composed by participants between 09 and 12 years of age. Moreover, this article addresses fundamental concepts to the Historical-Cultural theory, brought up by its precursors, Vigotsky (1896-1934), Leontiev (1903-1977) and Luria (1902-1977), which offered support to the comprehension of the theory in its practical development as a fundamental strategy of Psychology as a science and profession.

Keywords: Historical-Cultural Psychology; Mediation; Praxis; Group Interventions.

### **Práctica de la Psicología Histórico-Cultural desde la entrevista inicial hasta la posibilidad de diagnóstico con niños**

Resumen: Este trabajo fue realizado a partir de las experiencias vividas en las actividades teóricas y prácticas de la pasantía Supervisada específico I del curso de Psicología, en la Universidade Paranaense - UNIPAR (Umuarama, Paraná), con el fin de comprender el curso de organización y desarrollo. desde la entrevista inicial hasta el posible diagnóstico en intervenciones grupales con niños. Así, apoyados en el enfoque de la Psicología Histórico-Cultural, y utilizando el método del Materialismo Histórico-Dialéctico, los pasantes relatan, a través de este artículo, la práctica desarrollada y cómo el enfoque contribuyó a las

intervenciones a través de entrevistas individuales con los responsables y los niños, así como los encuentros grupales, siendo el grupo compuesto por participantes entre 09 y 12 años. Además, el artículo aborda conceptos fundamentales de la teoría Histórico-Cultural, aportados por sus precursores Vigotsky (1896-1934), Leontiev (1903-1977) y Luria (1902- 1977), que sustentan la comprensión de la teoría en su desarrollo práctico como una estrategia de la Psicología como ciencia y profesión.

Palabras Clave: Psicología Histórico-Cultural; mediación; práctica; intervenciones grupales.

## **Introdução**

Muito se tem discutido, recentemente, acerca do desenvolvimento infantil e das demandas que circundam esse período da vida. De fato, a infância se desenvolve de forma determinada entre aprendizado e saúde, sendo a saúde, definida pela OMS, como o estado de bem-estar completo nas esferas física, mental e social. Partindo deste pressuposto, a Psicologia como ciência e profissão, busca ampliar visões a respeito do modelo médico-assistencial, adentrando aos contextos que também perpassam a saúde, como: proteção, promoção, recuperação, reabilitação, saúde mental, entre outros. Ademais, os fortes princípios de equidade presentes na Constituição de 1988, trazem grande visibilidade aos direitos fundamentais que são indispensáveis às crianças, bem como a necessidade de colocá-las como prioridade na sociedade. (Rede Nacional da Primeira Infância –RNPI, 2020)

Entendendo a necessidade de priorizar as crianças, enfatiza-se a importância de colocá-las a salvo de toda negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, que são lacunas presentes no processo de desenvolvimento infantil. A plenitude da infância se encontra na singularidade de cada criança e, é notória a importância de observar a especificidade de cada sujeito de direito, visto questões como localidade geográfica, situação

socioeconômica, declaração de cor ou raça, etnia, gênero e orientação sexual atuam como condicionantes da realidade vivida por cada sujeito, bem como na construção da sua subjetividade. (RNPI, 2020)

Assim, observando a singularidade e a expressiva dimensão da infância, é possível entender a necessidade de voltar o olhar para esse período do desenvolvimento humano. De fato, a valorização deve ser atribuída ao entender que a criança precisa ser considerada cidadã e sujeito de direito, assim como deve-se reconhecer suas potencialidades, perceber suas necessidades e os modos de atender, escutar e acolher esses indivíduos.

Com efeito, pode-se reconhecer que o desenvolvimento infantil é perpassado, de maneira especial, pelos contextos históricos e culturais, trazendo, assim, uma grande diversidade em queixas que levam as famílias à busca por intervenções e atendimentos psicológicos. Portanto, compreendendo a relevância do contexto ao qual a criança está inserida, a Psicologia Histórico-Cultural possibilita novas formas de intervenção pensando os processos de vivências e aprendizados particulares à cada pessoa e ao cenário ao qual se incluem. Assim como dito por Prestes e Tunes (2018, p.78),

a vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso.

Assim, a vivência torna-se uma característica primordial para o desenvolvimento das análises e intervenções feitas ao redor dos conteúdos relacionados à subjetividade das crianças, compreendendo que as situações externas estão intimamente ligadas a como cada indivíduo as experimenta.

Realmente, é importante atrair a atenção para novas formas de pensar os processos de diagnóstico e intervenção com crianças que fujam da padronização e que busquem uma análise singular-particular-universal da subjetividade, ao mesmo tempo em que sejam consideradas as

vivências de cada criança. Entende-se que a esfera da singularidade contempla aquilo que é único e individual de cada sujeito; o particular vem da construção social e é permeado pelo período histórico, sistema econômico e político que proporcionam as bases materiais para as mediações; e o universal é o genérico, constituído pelas produções humanas postas na sociedade.

Diante do que foi exposto, o presente artigo compromete-se a apresentar o processo de entrevistas, análises e intervenções realizadas a fim de investigar os obstáculos dispostos no processo de desenvolvimento infantil. Para tanto, optou-se como metodologia a Psicologia Histórico-Cultural, onde o método é o Materialismo Histórico-Dialético, que observa a materialidade das vivências de maneira dinâmica e singular. Essa abordagem e suas ramificações são apresentadas ao longo do texto, abordando pontos principais da teoria e os conceitos que norteiam sua práxis, além de identificar a utilização desta perspectiva na atuação das estagiárias na área de atuação da Psicologia.

Analisando toda a complexidade da infância, bem como a necessidade de novas possibilidades de compreensão e intervenção nesse período da vida, o presente estudo tem como objetivo geral compreender o percurso traçado na prática orientada entre a entrevista inicial e o possível diagnóstico em uma intervenção com crianças, exposto nas entrevistas devolutivas. Os objetivos específicos correspondem à utilização da Psicologia Histórico-Cultural como fundamentação teórica para desenvolver a intervenção e práxis profissional, assim como propor meios de pensar o planejamento, desenvolvimento e análise das mediações psicológicas individuais e grupais.

A práxis pode ser compreendida pela estruturação da consciência através da transformação constante da realidade. Como dito por Martins (2008, p. 44), “Toda ação verdadeiramente humana pressupõe a consciência de uma finalidade que precede a transformação concreta da realidade natural ou social e, desse modo, a atividade vital humana

é ação material consciente e objetiva, ou seja: é práxis”. Então, a práxis profissional da Psicologia propõe o desenvolvimento intencional, o qual pode ser materializado a partir das relações estabelecidas e dos contextos sociais que permeiam cada sujeito.

Em suma, o artigo aqui exposto procura discorrer sobre o processo realizado para, então, propor um possível diagnóstico e encaminhamentos necessários a crianças com o apoio dos conceitos abordados pela Clínica Pedológica de Vigotski<sup>4</sup> (1997/2008). Para tanto, ao mesmo tempo em que são apresentados os conceitos teóricos, é recuperado também o percurso prático do Estágio Específico I – responsável por produzir as habilidades necessárias para a execução dos atendimentos psicológicos, onde foi feito o planejamento das intervenções individuais com os responsáveis e com as crianças participantes, assim como as práticas grupais e o processo para investigação do possível diagnóstico das crianças em período escolar entre o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental II. Também foi possível desenvolver o registro e guarda de documentos oriundos das práticas realizadas durante o estágio e a obtenção das entrevistas devolutivas.

### **Apresentação da Psicologia Histórico-Cultural enquanto práxis**

A Psicologia, ciência que estuda os processos mentais, tem diversas abordagens que norteiam suas intervenções. No início do século XX, a Psicologia Histórico-Cultural surgiu como abordagem, baseada no materialismo histórico-dialético e tendo como principais precursores Vigotski (1896-1934), Leontiev (1903- 1977) e Luria (1902-1977), contribuindo com diferentes áreas do conhecimento científico, como a Pedagogia, Neurologia e Linguística, voltados para a Psicologia. (Sirgado, 1990 citado por Santos & Aquino, 2014)

---

<sup>4</sup> Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) - Vygotsky, Vigotsky, Vygotski, Vygotskii, Vigotski. A forma usual neste trabalho será Vigotski, exceto nas referências que serão escritas de acordo com os textos originais.

Como dito por Pires (2016), o materialismo histórico-dialético trata de compreender a organização dos homens em sociedade ao longo da história. Isso é possível por meio da materialidade histórica, das vivências da humanidade entre si que se caracterizam pelo dinamismo e transformação constante que levam à modificação da consciência.

Portanto, podemos compreender que não se pode isolar o momento da ação de sua história, e muito menos isolar o sujeito das suas relações sociais. Isso nos revela que se trata de uma abordagem dinâmica e procura a gênese e as causas dos fenômenos investigados em movimento. Dessa maneira, o que se busca é análise dos processos e não dos objetos, com isso se descobre a natureza e a origem do fenômeno no seu processo de mudança, considerando seu desenvolvimento histórico. (Santos & Aquino, 2014)

Seguindo o método materialista histórico-dialético, compreende-se que a teoria possibilita novas práxis através das intervenções com os fenômenos vividos pelos homens, dando ênfase à completude dos indivíduos e atentando-se para o passado, presente e futuro, a fim de reconhecer a singularidade de cada processo individual do desenvolvimento humano que se transforma através das relações sociais.

Ademais, observa-se a grande ênfase dada ao contexto histórico e à inserção social que, por sua vez, são indispensáveis para o desenvolvimento humano, bem como a busca pela superação dos ideais biologicistas, pois, como dito por Vigotski (1997/2008), a hereditariedade coloca-se como potencialidade na evolução de cada indivíduo, compreendendo que não se pode humanizá-lo sem a mediação da cultura. Então, entende-se que Vigotski propõe uma específica análise biológica em que, por meio do materialismo histórico-dialético, observa o sentido dado aos aspectos hereditários quando vistos dentro das relações culturais, sociais e históricas às quais estão inseridos, considerando as limitações e potencialidades propostas de maneira individual para cada ser humano (Prestes & Tunes, 2018).

Certamente, a Psicologia Histórico-Cultural tem colaborado para a compreensão do desenvolvimento humano através dos seus mais diversos instrumentos de análise e intervenção, sendo possível observar o destaque dado à infância. A teoria entende que o indivíduo se desenvolve através de um processo de maturação biológica, em que a hereditariedade exerce função básica e, a partir da apropriação cultural, desenvolve-se de maneira específica (Aita & Tuleski, 2017).

De fato, as funções psicológicas elementares (básicas) e superiores são desenvolvidas e utilizadas de maneira conjunta. É a partir da interrelação entre elas que o psiquismo produz avanços.

Vigotski define que há duas funções psicológicas: as funções elementares ou inferiores, que aparecem no início do processo de desenvolvimento, que estão ancoradas na hereditariedade e que são a base do processo de constituição do sujeito; e as funções complexas (emoção, inteligência, memória, fala, consciência, pensamento etc.), que são de um nível superior e que têm relação direta com a mediação cultural. Essas funções compõem um sistema emaranhado de relações, não há memória sem pensamento, nem pensamento sem emoção, e, assim, a subjetividade é explicada não pelas funções psicológicas, mas pelos nexos entre elas. (Pereira & Sawaia, 2020, pp. 31-32)

Desta forma, através da comunicação e de modo transversal à apropriação da cultura, o psiquismo desenvolve as funções psicológicas, compreendendo que as superiores se desenvolvem sob a base das funções elementares. As funções consideradas elementares são atreladas ao desenvolvimento psíquico como uma capacidade “primária”. Já as funções superiores são desenvolvidas através da apropriação e internalização de signos responsáveis por reequipar as funções básicas do indivíduo. Ao passo que as funções psíquicas são equipadas por um processo de aprendizado, ressignificando signos internalizados pelo sujeito por meio da apropriação cultural, nesse processo de novas possibilidades encontra-se a zona de



desenvolvimento iminente ou zona de desenvolvimento proximal. Segundo Vigotski (2007 citado por Pereira & Sawaia, 2020, p. 35) “A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário”.

Esse sistema de maturação das funções psíquicas se dá por meio da significação, isto é, processo de aprendizado que acontece através de mediações. Os caminhos que constituem o sujeito se dão por meio da aprendizagem e da instrução que permeia este processo. Ademais, o sujeito se conscientiza ao passo que se apropria dos signos presentes na sociedade, dando sentido e significado que já estão inseridos no contexto social. O significado é dado pela sociedade de maneira mais precisa e estável, já o sentido é movido por variáveis pessoais. (Pereira & Sawaia, 2020).

Portanto, a mediação torna-se um dos principais instrumentos do processo de aprendizagem proposto pela Psicologia Histórico-Cultural. Como mencionado por Pereira e Sawaia (2020), o principal instrumento mediador dos processos de subjetivação é a linguagem, na qual o sujeito está imerso em significados definidos dentro do seu período histórico e se apropria deles à medida em que os reconfigura pelo seu papel ativo na intersubjetividade. Consequentemente, o aprendizado se constrói pelo elemento de mediação definido como significação, responsável por relacionar o sujeito que apreende com a coisa apreendida. (Pino, 2004 citado por Pereira & Sawaia, 2020).

À vista disto, percebe-se a importância da Psicologia Histórico-Cultural em intervenções que envolvam a infância e seu desenvolvimento. Portanto, o presente artigo recorre aos estudos desta abordagem e suas contribuições para intervir clinicamente com crianças através de um olhar atento e intencional, sendo que esta intervenção conta com o auxílio do dispositivo psicológico de práticas grupais, entrevistas psicológicas iniciais com responsáveis e com as próprias crianças, e concretiza a práxis através da entrevista devolutiva.

O principal intuito aqui proposto é o de investigar situações que permeiam as dificuldades enfrentadas pelas crianças em suas vivências cotidianas para construir um possível diagnóstico através dos estudos Pedológicos proposto por Vigotski, e, com isso, propor caminhos de superação resgatados por meio da devolutiva das entrevistas.

### **Entrevista proposta pela Clínica Pedológica de Vigotski para pensar possibilidades para o diagnóstico com crianças**

Com base nos estudos de Vigotski (1997/2008) presentes em *Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil*, a função da metodologia não se resume em aprender a medir, mas sim, em aprender a ver, a pensar e relacionar. Para existir, de fato, uma investigação científica, é preciso usar da elaboração subjetiva e, assim, incluir o pensamento, a interpretação, decifrar os resultados e o exame dos dados. Neste tópico, pretende-se compreender o processo realizado desde a entrevista inicial, para a análise de um possível diagnóstico em crianças.

O esquema de investigação caracterizado por Vigotski (1997/2008) se utiliza da pedologia<sup>5</sup>, e se constitui a partir de alguns elementos fundamentais apresentados em ordem de sucessão, tendo início com a necessidade de ouvir as queixas primeiro dos pais, depois da criança e, por fim, ouvir os relatos da instituição educacional. Contudo, para que as queixas não sejam ditas de forma generalizada ou carregadas de opiniões próprias, é preciso que o investigador faça questionamentos intencionais que lhe ofereçam informações claras que contribuam para a veracidade dos fatos.

---

<sup>5</sup> Pedologia: de maneira resumida, pode ser compreendido pelo estudo das relações dialéticas entre os aspectos hereditários (biológicos) e socioculturais, que permitem o desenvolvimento humano também dialético entre as funções psicológicas superiores.

O fato em si de que o pai considera má a criança deve ser levado em conta pelo investigador, mas deve ser estimado precisamente em seu significado, ou seja, como uma opinião do pai. É preciso verificar essa opinião no curso do estudo, mas para isso faz falta descobrir os fatos na base dos quais se obteve essa opinião, fatos que o investigador deve interpretar a seu modo. (Vigotski, 2008, p.12)

Com isso em vista, o investigador deve ater-se em conhecer a realidade e as vivências do sujeito investigado. Deve, durante o processo, ter o foco voltado aos questionamentos que direcionam as respostas em busca de exemplos concretos baseados no cotidiano. A criança também deve ser ouvida, mesmo diante da possibilidade de falsas declarações, visto que o infante pode se apresentar de uma outra maneira que não seja a realidade, contudo, todos esses fatos devem ser considerados e analisados.

Por meio da investigação pedológica, o propósito está em observar algum fato que não esteja dado no presente, e que não seja possível verificar apenas pela comprovação direta, mas a partir da investigação dos sintomas por detrás deles, da sua comprovação ao possível diagnóstico. É importante que os instrumentos psicológicos utilizados para análise ou coleta de dados dos usuários sejam condizentes com a teoria que subsidia o profissional. Desta forma, a entrevista inicial – ou também dita anamnese – deve ser baseada nos momentos que compõem a história de desenvolvimento da criança, em que será investigada a história do seu desenvolvimento uterino e extrauterino, peculiaridades hereditárias e do ambiente e a história da educação da personalidade, tendo como objetivo criar uma bibliografia científica abrangendo as possíveis causas narradas como queixa. Na história de desenvolvimento da criança, devem ser levados em consideração tanto fatos exteriores, visíveis e físicos (quando começou a andar, falar, ler e etc) quanto fatos internos, que são melhor investigados durante o processo, explorando desde o que está exposto até o que pode ser apresentado de maneira velada durante os atendimentos.

Outra proposição de Vigotski (1997/2008) é sobre o ponto na história do desenvolvimento da criança, onde cada fato citado deve responder e fazer parte do todo. Então, deve mencionar somente aquilo que faz a ligação entre as histórias vivenciadas pelo sujeito.

Neste caso, é totalmente aplicável a regra que estabelece A. P. Tchékhev com respeito à estrutura interna do conto. Fala da necessidade de unir com um nexos interno absolutamente todos os elementos do conto; por exemplo, se na primeira página, ao descrever a decoração de uma habitação, o autor menciona que em uma parede estava pendurada uma escopeta, é forçoso que esta arma dispare na última página, do contrário não haveria motivo para mencioná-la. (Vigotski, 2008, p. 15)

Para chegar a um possível diagnóstico pedológico, é preciso que o investigador considere pensar e interpretar sobre os sintomas. O diagnóstico diz respeito ao fenômeno que manifesta esses sintomas, os quais devem ser estudados, interpretados e comparados sem que se estabeleça de forma automática e conclusiva um resultado antes de obter os dados suficientes. Vigotski (1997/2008) também menciona que “A pedologia tem o objetivo de elevar a descrição a um nível superior, simultaneamente com a assimilação dos procedimentos de análise e da dinâmica dos processos”. Sendo assim, o autor faz alguns apontamentos acerca do que é indispensável ao pensar o diagnóstico, onde evidencia a necessidade de uma descrição detalhada, cuidadosa e científica a fim de criar uma avaliação analítica.

Portanto, o diagnóstico não se constitui somente por medições sobre o intelecto da criança ou por meio de testes, tampouco é um processo de definição numérica. Ele engloba e investiga as manifestações e dados da maturação, os fenômenos de ordem psíquica e nervosa, considerando também os sintomas fisiológicos, usando da comparação, descrição e interpretação crítica.

**Contextualizando a experiência: considerações para o planejamento do processo**

Para a execução das atividades práticas do estágio fez-se um processo de orientação teórica, por meio de diálogos e estudos de materiais teóricos com o objetivo de desenvolver a compreensão e o planejamento baseado na Psicologia Histórico-Cultural. Os sujeitos acolhidos por esse projeto foram crianças estudantes da Escola Municipal de Serra dos Dourados, localizada no distrito de Serra dos Dourados, no município de Umuarama/PR. Os encaminhamentos dos participantes para o atendimento psicológico foram feitos pela UESF (Unidade de Estratégia em Saúde da Família) em parceria com a escola supracitada anteriormente. A intervenção foi feita por práticas grupais e contou com 6 crianças, meninos e meninas, alunos do ensino fundamental I, com idade entre 9 e 12 anos.

Para o planejamento das intervenções grupais, foi necessário fazer visitas ao espaço, realizando a caracterização do local. Dessa forma, para a elaboração planejada dos encontros grupais foram realizadas entrevistas psicológicas individuais com os responsáveis legais e também com as crianças, a fim de construir vínculos, conhecer as queixas e pensar as demandas apresentadas por cada participante para a formação dos atendimentos grupais de maneira intencional.

A partir disso, na utilização do dispositivo de práticas grupais com as crianças, cada encontro foi planejado semanalmente a depender das demandas observadas. Pereira e Sawaia (2020) explicam que as práticas grupais ocupam um espaço de potência, havendo uma ressignificação de si, das vivências, afetos e sentidos, criando novas relações onde a participação, os relatos e as trocas de experiências tornam-se uma zona de desenvolvimento proximal, dando a possibilidade de novas criações de sentidos e signos. O grupo pode então criar um espaço onde o sujeito que tem dificuldade de enxergar a sua própria realidade consegue, por meio das mediações do grupo, ter novas possibilidades reflexivas.

Apesar da importância de observar o processo individual de cada participante do grupo, devem ser identificadas e reconhecidas as similaridades das vivências das outras pessoas para trazer ao coletivo. O acontecimento não é exclusivo do sujeito, ou seja, podem ser percebidos os determinantes sociais que afetam a vida desse indivíduo.

Para o planejamento, o coordenador deve se incluir e imaginar a execução de cada atividade ou de cada diálogo, se colocando dentro do processo e vivenciando o desenvolvimento do grupo.

Planejar é conseguir vê-lo sendo realizado no futuro, mas tendo clareza que ele não concretiza como foi imaginado, pois está sujeito às condições de um mundo concreto, às pessoas que compõem a prática, à temperatura do ambiente, à sala escolhida, à disposição das cadeiras, ao afeto produzido pela presença ou ausência das pessoas e ao instrumento dialógico escolhido, ao cansaço de cada pessoa, às condições de vida e de produção de sofrimento às quais elas têm sido submetidas. (Pereira & Sawaia, 2020, p. 79)

Assim, compreendendo que o grupo segue um percurso próprio, os coordenadores devem planejar, mas permitir que a práxis aconteça sem limitar as intercorrências que possam aparecer espontaneamente. É necessário que os coordenadores observem os processos que se dão no grupo durante o próprio encontro, conhecendo seus participantes e as possibilidades para só então planejar novas intervenções.

(...) o planejamento corresponde à intenção da prática, uma prática que visa ao cuidado e à potencialização da vida e deve, necessariamente, ser planejada. É preciso imaginar estratégias que auxiliem na distribuição do diálogo, imaginar perguntas guias que ampliem o processo de ressignificação, imaginar diferentes possibilidades de manejo para o encontro. E isso exige do coordenador um conhecimento sobre como se dão os

processos grupais, mas fundamentalmente exige conhecer seu grupo, quem são os sujeitos do grupo. (Pereira & Sawaia, 2020, p. 79)

Percebendo a necessidade de planejamento do grupo, as estagiárias, por meio dos encaminhamentos feitos pelo UESF juntamente com a Escola Municipal de Serra dos Dourados, constataram que as crianças encaminhadas para o atendimento grupal possuíam um ponto em comum inicialmente apresentado como queixa: a dificuldade escolar. Além disso, essa dificuldade é apontada nos encaminhamentos como diagnóstico ou possível diagnóstico de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Apesar da queixa comum ser vinculada à dificuldade no processo escolar, durante o percurso de atendimentos psicológicos, tanto grupais quanto individuais, observou-se a complexidade de cada criança e suas vivências, apresentada também através de dificuldades emocionais.

O processo grupal traz consigo a potência de desenvolvimento, que apesar de acontecer conjuntamente, interfere na constituição da subjetividade de cada indivíduo em particular. A compreensão do contexto social e as afetações que esse contexto proporciona ao grupo possibilitam o desenvolvimento humano e o surgimento de novas constituições do sujeito. Deve-se considerar a intencionalidade, construção e funcionamento do processo grupal por meio da teoria histórico-cultural de Vigotski, bem como permitir a apropriação de conceitos importantes para a prática desta mesma teoria.

Dessa forma, é necessário utilizar-se de instrumentos que favoreçam o processo de mediação, levando em conta as afetações que tal processo pode produzir no coordenador e no grupo:

É preciso escolher o instrumento e experimentá-lo antes do encontro, é preciso saber que tipo de afetos esse instrumento causa ao coordenador, para que ele não seja surpreendido pelas afecções na hora do encontro, é possível pensar e imaginar as possibilidades de conversa que o instrumento oferece, mesmo tendo clareza de que

podem não ser essas as conversas realizadas na hora do encontro, é necessário escolher um recurso aberto, que não feche o diálogo, mas que possibilite que cada fala seja entendida como abertura a outras falas, complementares e contrárias, que permita a polifonia (...). (Pereira & Sawaia, 2020, pp. 83-84)

Portanto, o grupo produz afetações que extrapolam as hipóteses traçadas nas demandas, de modo que os participantes, mesmo na infância, trazem conteúdos no diálogo ou que podem ser observados através das intervenções por meio de atividades. É importante que o coordenador possa mediar a práxis possibilitando maneiras de refletir, sentir, emocionar e pensar que ultrapassem as respostas dicotômicas.

### **Compreendendo a práxis da Psicologia Histórico-Cultural da entrevista inicial ao possível diagnóstico de crianças**

Como já mencionado, a Psicologia como ciência e profissão busca alargar visões nos mais diversos campos de atuação em que o profissional psicólogo está inserido. No presente caso, a oferta de atendimento psicológico foi direcionada ao sistema de saúde responsável por encaminhar crianças que necessitam do serviço psicoterapêutico. Por meio dos encaminhamentos realizados pela Unidade Estratégia e Saúde da Família (UESF) de Serra dos Dourados, percebeu-se que grande parte dos atendimentos infantis encaminhados para o setor da saúde mental, possuía como queixa mais explícita as dificuldades apresentadas no ambiente escolar, o que permitiu uma parceria entre a UESF e a Escola para os encaminhamentos.

De fato, percebe-se que em atendimentos psicológicos que envolvem crianças, os encaminhamentos, na maioria dos casos, partem da recomendação da escola. Essa realidade já é discutida entre a práxis do profissional psicólogo:



Se o aluno tem dificuldades de aprender ou não se comporta durante as aulas, tal fato não é entendido pela maioria das pessoas envolvidas no processo de ensino como um possível problema gerado no âmbito institucional ou social para além do indivíduo. Via de regra, o problema é atribuído ao aluno e, como tal, é encaminhado. (Beltrame & Boarini, 2013, p. 346)

Assim, observando análises já existentes na área da Psicologia, compreende-se que grande parte das demandas escolares são atreladas apenas ao indivíduo e não ao meio que o mesmo se encontra inserido. Portanto, as intervenções propostas pelas acadêmicas através Psicologia Histórico-Cultural, buscaram possibilitar novas formas de pensar o sujeito, enfatizando seu contexto social e cultural, ao mesmo tempo em que é dada a devida importância às suas vivências para refletir de maneira concreta a respeito do possível diagnóstico infantil.

Para isso, após o contato feito com a UESF e a Escola Municipal de Serra dos Dourados, foi realizada a caracterização dos locais, com o intuito de compreender o espaço físico disponibilizado aos usuários dos serviços, bem como conhecer a equipe que os ampara nas necessidades da saúde mental. Feito isso, foi obtido o encaminhamento de seis crianças, com idades de 9 a 12 anos, cinco estudantes do 5º ano e um estudante do 4º ano do fundamental I, entre eles quatro meninos e duas meninas.

Neste primeiro momento, a queixa foi narrada de maneira sucinta pela coordenadora pedagógica e diretora da escola, que mencionaram situações como a dificuldade de concentração, atraso no processo de alfabetização, falta de organização, dificuldade em compreender os comandos pedagógicos, além de questões relacionadas a sofrimentos psíquicos oriundos do contexto familiar. Embora os encaminhamentos sugeridos pela instituição escolar possam dispor de demandas relacionadas à saúde mental, todas as seis crianças encaminhadas possuíam dificuldade no ambiente escolar, seja no aprendizado ou na conduta.

Seguindo com o processo interventivo, deu-se andamento à entrevista psicológica inicial com os responsáveis das crianças encaminhadas. Para tal, as estagiárias desenvolveram uma entrevista própria que fosse condizente com a Teoria Histórico-Cultural, adaptando o documento de anamnese oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paranaense (Unipar). Amparadas pelas noções trazidas por Vigotski (2008, p. 15), o propósito desta entrevista consistiu em investigar a história do desenvolvimento da criança, sistematizando os momentos conhecidos da infância como peculiaridades hereditárias, peculiaridades do ambiente e história do desenvolvimento intrauterino e extrauterino, junto do momento comumente omitido que é a história da personalidade.

Dessa forma, a entrevista inicial formalizada pelas estagiárias dispôs das seguintes informações: 1. Dados do círculo familiar residencial (Nome, vínculo, idade e observações); 2. Queixa do responsável; 3. Queixa da criança; 4. Queixa da instituição e encaminhamentos; 5. Desenvolvimento da criança (intrauterino e extrauterino); 6. Peculiaridades hereditárias; 7. Contexto e relações familiares; 8. Contexto acadêmico/profissional (responsável e criança); 9. Encaminhamentos já realizados; 10. Informações adicionais. É importante salientar que a entrevista foi realizada com a finalidade de coletar informações importantes para o processo realizado com as crianças, contudo, este atendimento realizado com os responsáveis aconteceu através de uma escuta acolhedora.

Levando em consideração o que já foi exposto no presente artigo sobre a importância de considerar a criança como sujeito de direito ativo no seu processo de subjetivação, realizou-se a entrevista também com cada criança. No intuito de completar as informações, e também acrescentar as vivências dos infantes no documento para análise e formação do grupo, as estagiárias realizaram as entrevistas iniciais com as crianças em dias diferentes daqueles em que foram feitas as entrevistas com os responsáveis, a fim de obter uma melhor compreensão de cada queixa em específico.

Ao observar documentos compostos pelas seis entrevistas psicológicas iniciais, constatou-se que entre as crianças existiam as possíveis demandas: atraso no desenvolvimento da leitura, dificuldade em manter a atenção voluntária, coordenação psicomotora comprometida, autonomia retraída, dificuldade na memorização e presença da fragilidade nos vínculos familiares percebida nos discursos. A partir disso, as estagiárias iniciaram o projeto interventivo através do dispositivo de práticas grupais.

Portanto, o planejamento das práticas grupais teve como objetivo a realização de seis encontros semanais, já planejados semanalmente para uma intervenção mais condizente com as demandas que poderiam surgir no grupo. Compreendendo que o percurso seguido pelo grupo é particular e, percebendo as demandas individuais que apareciam na prática grupal, durante a execução do planejamento foram realizados cinco encontros grupais e um atendimento individual com cada criança para melhor delinear o possível diagnóstico.

Os atendimentos em grupo foram planejados e tiveram como auxílio instrumentos dialógicos, por exemplo: dinâmicas de grupo, rodas de conversas e atividades dirigidas, tendo como principal fundamento a intencionalidade na utilização de cada instrumento selecionado. A partir disso, todos os encontros contaram com uma dinâmica ou atividade, visto que apenas o diálogo não abrangeria toda a intencionalidade proposta com os encontros, não sendo suficiente para mantê-los envolvidos no processo de análise.

O primeiro encontro grupal contou com a dinâmica do novelo de lã ou teia (Yudi, 1996), no intuito de apresentar os participantes entre si e formalizar o contrato terapêutico entre o grupo, priorizando o sigilo e respeito entre eles. Além disso, foi utilizada uma dinâmica feita com a identificação de si ou de sua história com algum objeto para que fossem estabelecidos vínculos e fosse dado início ao diálogo. No segundo encontro foi utilizada a dinâmica do contorno (Yudi, 1996). Nesta, a partir do contorno corporal, as crianças puderam trabalhar em equipe e desenhar seu próprio corpo, além disso, fizeram acessórios em seus contornos e

atribuíram qualidades e defeitos, sendo a intenção principal observar a coordenação psicomotora, trabalho em equipe, criatividade, concentração, leitura, entre outros. No terceiro encontro foi realizada a sessão pipoca, onde as crianças assistiram ao filme *Divertida Mente* (Disney+, 2015). Neste encontro foram oferecidos pipoca e suco aos participantes. Esta intervenção serviu de subsídio para os atendimentos individualizados que foram realizados na semana posterior.

Portanto, na intervenção seguinte cada estagiária atendeu três crianças individualmente, no intuito de perceber melhor cada sujeito. Um quebra-cabeça e o dado das emoções que continham imagens do filme assistido na semana anterior foram utilizados como instrumentos, a fim de mediar um diálogo sobre as emoções, levando ao surgimento de questões específicas de cada criança. Compreende-se que esse atendimento foi primordial para analisar questões individuais traçadas como demanda de cada criança, contudo, também se desenvolveu como atendimento psicoterapêutico.

Prosseguindo com os encontros grupais, o quarto encontro foi realizado por meio de uma produção coletiva de massinha de modelar caseira, com o objetivo de criar uma escultura também de forma colaborativa entre os participantes. Neste encontro foi possível visualizar questões ligadas à criatividade, interação, coordenação motora, assim como reprodução das vivências históricas e culturalmente experimentadas pelos infantes. Finalmente, no último encontro foi utilizado um exercício com bexigas que continham perguntas disparadoras, as quais retomavam diversos momentos dos encontros anteriores e como cada participante se percebia neles, gerando uma roda de conversa. Por último, para finalizar, as estagiárias fizeram uma dinâmica com uma caixa e um espelho, na intenção de possibilitar reflexões acerca da autoestima e autoconhecimento que as crianças tinham sobre si. Assim, após a narrativa de uma das coordenadoras do grupo, eles puderam observar dentro da caixa a foto da pessoa que mais havia se desenvolvido durante os encontros grupais.

Dessa forma, apresentando sucintamente as intervenções realizadas com o grupo, identifica-se o processo trilhado para um possível diagnóstico com crianças. Compreende-se a importância de análises e intervenções que considerem a completude do sujeito envolvido, tendo em vista que as dificuldades apresentadas extrapolam o aparato biológico do sujeito, mas se compõem nas relações e mediações que são dispostas em suas vivências.

Para finalizar o processo grupal, foi preciso pensar sobre o que foi proposto e o que foi executado tanto sobre as atividades feitas e o propósito do grupo, quanto na condução das coordenadoras envolvidas no processo. De acordo com Pereira e Sawaia (2020):

(...) é também muito importante pensar o que cada sujeito fará da vida após o grupo. O fim é início de novo ciclo e pensar novo ciclo faz parte do processo de finalização do grupo. Esse é o momento de avaliar se a prática processo planejada e executada promoveu saúde no sentido mais amplo deste conceito, se promoveu cuidado. (p. 99)

Segundo a resolução CFP Nº 006/2019, a qual discorre sobre a regularidade dos documentos psicológicos, é dito que “É dever do psicólogo informar a quem de direito, os resultados decorrentes da prestação de serviços psicológicos”. No que diz respeito ao psicodiagnóstico com crianças, a entrevista devolutiva deve ser dada ao infante e aos responsáveis, de modo que todos façam parte do processo. A entrevista de devolução é um momento de diálogo que permite que o usuário do serviço expresse seus pensamentos e sentimentos sobre o que foi exposto pelo avaliador, possibilitando traçar junto dele novas formas para a superação de dificuldades. (Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2019)

Pensando nisso, foram marcadas as devolutivas primeiramente com as crianças, a fim de, através do diálogo e da escuta qualificada, relatar e informar ao infante alguns apontamentos e observações feitas durante os atendimentos grupais e individuais. Além disso, também foi informado às crianças sobre o assunto que seria conversado com os responsáveis com o intuito de preservar o sigilo. Em seguida, foram feitas as devolutivas com os

responsáveis, onde foram realizadas orientações acerca do que foi observado, com o objetivo de pensar nas possibilidades de superação e compreensão sobre o diagnóstico, além de orientá-los sobre os encaminhamentos apropriados.

### **Considerações finais**

Considera-se que a aprendizagem adquirida durante o processo de intervenção contribuiu para a formação do profissional psicólogo, sendo que a oportunidade de atuação orientada e supervisionada possibilitou que as estagiárias vivenciassem e se apropriassem da teoria durante as intervenções práticas realizadas. Além disso, exercitar o planejamento das intervenções, desenvolver ferramentas possíveis para as práticas grupais, realizar o atendimento psicológico de maneira individual e desenvolver os documentos oriundos da prática, permitiu também que as acadêmicas desenvolvessem a práxis do profissional psicólogo de maneira comprometida, proporcionando a modificação da consciência sobre a importância de uma atuação que busca novas formas de visualizar o sujeito e o meio ao qual ele está inserido para, a partir disso, desenvolver as possibilidades diagnósticas.

Por meio do presente artigo, considera-se que a Psicologia Histórico Cultural contribuiu de maneira significativa para a compreensão do desenvolvimento infantil e das questões históricas e culturais que circundam esse período do desenvolvimento humano. Para tal, é evidente que o dispositivo de práticas grupais colaborou, expressivamente, proporcionando para as crianças participantes do projeto espaços que permitiram a expressão de suas vivências e percepção dos mecanismos que permitem a ressignificação de situações de sofrimento, bem como o desenvolvimento de novas possibilidades de aprendizado através da mediação intencional e singular.

Para mais, entre todo o desenvolvimento da práxis apresentada foi necessário desenvolver a principal ferramenta do profissional da Psicologia: a escuta.

Escutar exige interação, exige contato com o outro, exige um corpo entregue a uma relação. Mas, para além da técnica, o que é escuta qualificada? É preciso escutar COM, é preciso escutar de modo a sentir com o outro, a pensar com o outro, a emocionar-se com o outro. O sujeito que fala organiza sua experiência em sentidos, é preciso deixar-se afetar por esses sentidos, disponibilizar-se ao encontro. Deixar seu corpo interpretar o afeto e, assim, estimular a continuidade da comunicação/diálogo e, acolhendo o sofrimento, é preciso tornar visível sua potência. (Pereira & Sawaia, 2020, p.104)

A escuta é – e foi durante as intervenções – o maior instrumento utilizado. Por meio desta práxis, foram construídos equipamentos e reflexões que permitiram o desenvolvimento de uma intervenção capaz de sustentar a análise aprofundada para as considerações de um possível diagnóstico. Além disso, proporcionou às crianças um espaço de acolhimento e desenvolvimento subsidiado pela intencionalidade.

De fato, os precursores Vigotski (1896-1934), Leontiev (1903- 1977) e Luria (1902-1977) ampararam todo o processo para o desenvolvimento da intervenção. Portanto, considerando a composição completa do projeto, desde a entrevista inicial até as análises feitas sobre um possível diagnóstico que pode ser proposto através da entrevista devolutiva, ficou evidente a necessidade de uma investigação aprofundada sobre as questões vivenciadas na infância.

Dando ênfase às seis crianças encaminhadas para o atendimento psicológico, percebeu-se que a maioria das queixas tem como possibilidade de superação uma mediação intencional, seja ela no ambiente familiar ou escolar. Ademais, as dificuldades que motivam os encaminhamentos ao serviço psicológico estão intimamente ligadas ao meio e às relações que as circundam o sujeito, não apenas ele propriamente dito. Todavia, a culpabilização da infância

torna a exclusão ou a intervenção medicamentosa o recurso mais fácil (e ilusório) para superação do sofrimento, quando na verdade esse movimento apenas suprime sintomas que surgem dos contextos históricos e culturais que permeiam a vida da criança.

Para tanto, é urgente que superemos as dicotomias entre individual e social, entre questões clínicas e questões políticas, e possamos construir um plano onde clínica e política componham um dispositivo que acione novos processos de subjetivação, nos quais indivíduo e social não sejam mais tomados como polos opostos. (Barros 2001, citado por Pereira & Sawaia, 2020, p.73)

Sintetizando os conceitos e propostas objetivados neste artigo, a práxis da psicologia inserida entre crianças permitiu enfatizar o quanto o sujeito é construído através das mediações e relações sociais que os envolvem, sendo necessário ultrapassar as dicotomias impostas aos processos de subjetivação. Sendo assim, é impossível potencializar o desenvolvimento da criança sem antes comprometer-se com uma intervenção ampliada que visualize a completude do sujeito nos vínculos familiares, na história que antecede o presente observado e no contexto social ao qual a criança está inserida.

## Referências

- Aita, E. B., Tuleski, S. C. (2017). O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade*, 4(7), 97-111. Recuperado em 14 out. 2022, de <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/3195>
- Castro, H. Borboletas de Zagorsk (1992). In *Youtube*, (online). Recuperado em 10 set. 2022, de <https://www.youtube.com/watch?v=KxEaHMxi7wE&t=176s>



- Conselho Federal de Psicologia (CFP). *Resolução CFP n. 006/2019*. Orientações sobre elaboração de documentos escritos produzidos pela(o) psicóloga(o) no exercício profissional. Brasil.
- Divertidamente*. (2015). Direção de Pete Docter. Produção de Jonas Rivera. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, Disney+.
- Martins, L. M. (2008). Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia sócio-histórica. In: L. M. Martins (Org.). *Sociedade, educação e subjetividade: reflexões temáticas à luz da psicologia sócio-histórica*. Campinas: Alínea.
- Pereira, R. E., & Sawaia, B. B. (2020). *Práticas Grupais: espaço de diálogo e potência*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Pires, M. F. C. (1997). O materialismo histórico-dialético e a Educação. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 1(1), 83-94. <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>.
- Portaria Conjunta nº 14, de 29 de julho de 2022*. Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Seção 01. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF.
- Prestes, Z., & Tunes, E. (2018). 7 AULAS DE VIGOTSKI SOBRE OS FUNDAMENTOS DA PEDOLOGIA. *E-papers Serviços Editoriais Ltda. Rio de Janeiro*.
- Rede Nacional da Primeira Infância. (2020). *Plano Nacional da Primeira Infância*. Brasília (DF). Recuperado em 10 set. 2022, de <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2020/10/PNPI.pdf>
- Santos, R. G., & Aquino, F. O. (2014). A Psicologia Histórico-Cultural: conceitos principais e metodologia de pesquisa. *Perspectivas em Psicologia.*, 18(2), 76-87, 2014.
- Vigotski, L. S. (2008). *Diagnóstico do Desenvolvimento e Clínica Pedológica da Infância Difícil*. Umarama. Produção voluntária e independente. (Obra original publicada em 1997).

Yudi, R. (1996). 100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. 7ª ed. São Paulo: Ágora.